

---

---

## OS EGRESSOS NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO E SUA FORMAÇÃO EMPREENDEDORA

---

---

Ivan de Souza Dutra (PPA-UEM/UEL)  
Ivan Dutra (PPA-UEM/UEL – INBRAPE)  
João Massarutti (PPA-UEM/UEL - UEL)  
Mariana Gomes Musetti (PPA-UEM/UEL – UNOPAR)  
Sílvio Roberto Stefano (PPA-UEM/UEL – UNOPAR)

### Resumo

A proposta do presente trabalho é discutir o perfil dos egressos do curso de administração da Universidade Estadual de Londrina e sua formação empreendedora, buscando oferecer elementos para aperfeiçoar a qualidade do ensino de graduação em administração voltados para o empreendedorismo. A metodologia desenvolvida neste estudo baseou-se numa pesquisa com os graduados do curso de Administração formados em 1999 e 2000, que quanto ao método classificou-se como exploratória, quantitativa, com uma amostra por conveniência. Os resultados são importantes, pois revelam o perfil do graduado, sua opinião sobre o administrador que a atual grade curricular lhe proporcionou ser e as expectativas de formação profissional que o curso deveria lhe proporcionar, além de sugestões, que podem permitir uma contribuição para o crescimento e aperfeiçoamento de estratégias universitárias com seus graduados, especialmente na reformulação de currículos, adequação de ensino-aprendizagem e incremento de projetos de pesquisa e extensão. Os apontamentos deste estudo poderão fornecer subsídios e informações sobre a formação do administrador, sugestões para desenvolvimento do ensino de empreendedorismo, tema este que tem recebido preocupação das empresas, órgãos governamentais e, em especial, as instituições de ensino superior.

**Palavras-Chaves:** Educação em Empreendedorismo e Formação do Administrador.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O papel da educação e sua importância na vida do ser humano têm sido fonte de grande atenção, pesquisa, estudo e trabalho pelas civilizações, desde os tempos remotos e, principalmente, nos últimos séculos. Segundo Eco (1985) em termos de formação superior no planeta, atualmente, podemos identificar que muitas universidades são para uma elite de pessoas, a exemplo de universidades americanas, que têm cursos para um número reduzido de dez ou doze alunos, ou mesmo algumas britânicas. Na Universidade de Oxford, um professor chamado de “tutor” pois orienta a tese de grupo restrito de alunos. Entretanto, encontramos

também as “universidades de massa” como as italianas, onde chegam estudantes de todas as classes, saídos dos mais diversos cursos secundários.

No Brasil, o foco para a finalidade das universidades é, também, objetivo de inúmeras pesquisas. Das mais importantes é a “função social” que está bem expressada por Maupas (apud Nérici) [s.n.]: A universidade deve ser, também, uma escola da comunidade, uma vez que tem por dever atender às necessidades da comunidade em que se localiza. Assim, a universidade, em seus estudos, deve partir do particular (problemas concretos da comunidade), dirigir-se ao universal (estudos dos mesmos problemas em outras partes e outros países em caráter geral) e voltar ao particular (visando resolver ou atenuar as dificuldades da comunidade). Outra questão de grande relevância que se apresenta é a finalidade dos cursos de graduação. Os estudiosos buscam saber como está o desempenho de diversos cursos de graduação no país qual a formação que estão proporcionando. Entre as diversas graduações a nível superior, os cursos de administração possuem grande destaque, o que se deve em grande parte à sua importância na vida das organizações que influenciam e interagem com a vida do ser humano. Em tratando-se dos cursos de administração, o administrador aparece como elemento principal para as universidades e instituições de ensino superior no desenvolvimento da “função social”. Procurar saber estes resultados na formação do curso de administração, entender o atual momento acadêmico para o seu egresso e acompanhar o desenvolvimento deste curso são aspectos que se apresentam com grande importância para objeto de pesquisas e estudos.

A importância da formação empreendedora nos cursos de administração justifica-se na vida sócio-econômica do país e, particularmente, na vida dinâmica das instituições de ensino superior do estado do Paraná e da região de Londrina. É importante saber se os resultados obtidos nos cursos de administração locais estão desenvolvendo esta formação adequadamente, se mesma está coerente com a missão do curso, no que tange aos aspectos individuais, sociais e as necessidades do país. O dilema, anteriormente, abordado pode ser proposto na seguinte questão aqui apresentada: qual a formação que o curso de administração vêm proporcionando aos seus egressos e especificamente se está formando indivíduos para serem somente empregados ou empresários ou também empregados-empREENDEDORES e empresários-empREENDEDORES.

Se assim for, o ensino de empreendedorismo tem um papel importante na formação do administrador, tanto de empresários quanto de empregados, pois o empreendedorismo tem a particularidade de reunir idéias originárias das ciências humanas e administrativas, possibilitando intercâmbios inéditos com contribuições das diversas áreas do conhecimento. Fillion (1999) aponta um programa de ensino de empreendedorismo para o Brasil, que, devido sua proximidade com os brasileiros nos últimos dez anos, fez pensar num programa nacional como elemento propulsor do empreendedorismo. A importância do ensino de empreendedorismo no contexto educacional brasileiro, tem suas bases em diversas necessidades, que Dolabela (1999a) traduz em dez razões.

Neste estudo o leitor encontrará resultados de pesquisa com os formados em 1999 e 2000 no curso de “Administração” da Universidade Estadual de Londrina, suas perspectivas e visão quanto à formação empreendedora.

## 1 - EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DO ADMINISTRADOR

Os cursos de Administração no Brasil são muitos recentes se comparados com os dos Estados Unidos da América (EUA) e Europa, onde os primeiros cursos se iniciaram no final do século XIX. Segundo Castro (1981), em 1952, ano em que se iniciava o ensino de administração no Brasil, os EUA já formavam em torno de 50 mil bacharéis, 4 mil mestres e 100 doutores, por ano, em administração.

De acordo com Martins (1989) o contexto para a formação do administrador no Brasil começou a ganhar contornos mais claros em 1940. A partir desse período acentua-se a necessidade de mão-de-obra qualificada e, conseqüentemente, a profissionalização do Ensino de Administração.

Nesta visão, tratava-se de formar, a partir do sistema educacional, um profissional, apto para atender ao processo de industrialização. Tal processo foi se desenvolvendo de forma gradativa, sendo acentuado pela regulamentação da profissão através da Lei nº 4.769, de 09 de setembro de 1965. Covre (1991) afirma que dentre o pessoal de nível superior necessário para o capitalismo destaca-se o Administrador, para atuar como técnicos com demanda específica pela organização sócio-econômica-política nacional.

Para Covre (1991:113) podemos sintetizar três correntes básicas da visão do ensino por parte dos administradores em formação, segundo sua pesquisa na FEA-USP:

*A primeira era visão Nacionalista, que toma certa consciência do ensino voltado para a grande empresa, seguida pela Conservadora, em termos do Grande Capital, na defesa do ensino de administração só em termos de técnicas, especialização e a terceira era a de vanguarda, em relação ao Grande Capital, que defende para o ensino de administração uma formação integral, com disciplinas técnicas e com matérias humanas que possibilitem uma visão ampla da sociedade; portanto, lhe forneça mais segurança em termos de tomada de decisão. Predominando esta última.*

Na década de 60 surgiu o primeiro currículo mínimo do curso de administração, institucionalizando no Brasil a profissão e a formação de Bacharel em Administração. O currículo era entendido como a dimensão mais ampla de desempenhos esperados, de desejado relacionamento com o meio a que serve, suas instituições, organizações, professores, alunos, empresas, envolvendo-se com sua ideologia e filosofia de educação.

Nos anos 90 nota-se uma grande expansão dos cursos de graduação em Administração, como observado através da pesquisa realizada em 2001 pelo Conselho Federal de Administração (2001). No ano de 1999 existia no Brasil 1.395 cursos de graduação, em contrapartida no final de 2000 somava-se mais de 1.941 cursos com 110 habilitações e mais de 34 mil concluintes no ano de 1998. Em 1999 estavam matriculados nas Instituições de Ensino Superior – IES - cerca de dois milhões e setecentos mil alunos e aproximadamente duzentos e oitenta e oito mil cursavam Administração, ou seja, mais de 10% do total dos alunos do país.

## **2 - O PAPEL DO ADMINISTRADOR**

Drucker (1998) afirma que diversas organizações e instituições de ensino superior discutem um novo perfil para o administrador. Várias discussões apontam que o administrador deve possuir uma formação humanística, técnica e científica, atuando com princípios éticos, de responsabilidade e justiça social, com competência para analisar criticamente ações, de forma proativa, interdisciplinar, num processo de aperfeiçoamento contínuo. Esse perfil profissional muitas vezes não é alcançado em virtude de um processo de formação educacional que não é condizente com um novo ambiente empresarial.

Os administradores têm um papel fundamental, pois pode ser agente de intervenção e formadores de opinião na sociedade, que devem buscar a melhoria da qualidade de vida das pessoas, distribuição de riqueza e renda nas organizações, demonstrando uma profunda preocupação para com a sociedade. Isto só será possível se exercitarmos a crítica sobre tudo o que nos é apresentado e procurarmos caminhos alternativos para a era do fim dos empregos.

Drucker (1998) faz uma análise crítica dos principais paradigmas que direcionam a administração, trazendo questões sobre as demandas sociais atuais e a postura dos administradores que, ainda, se baseiam em modelos ultrapassados.

Percebe-se que estamos em um processo de mudança na natureza do trabalho, com a ascensão da economia da informação, representando uma mudança estrutural, da fabricação para o processamento de informações. Outro impacto significativo é a mudança da exigência de empregos de alta qualificação, portanto, administradores devem lidar cada vez mais com funcionários de qualificações mais altas.

Este ambiente empresarial provoca a necessidade das empresas se tornarem organizações de aprendizagem. Para isso, uma série de mudanças provavelmente devem acontecer, sobretudo no perfil do administrador que atua nas organizações. Essas mudanças passam por uma série de resistências, provocadas pelo modelo institucional de ensino, que limita a iniciativa, a criatividade e o livre arbítrio dentro das empresas. Considera-se que o perfil do administrador no terceiro milênio é de um ator que busca o aprendizado contínuo e é capaz de desenvolver o seu grupo de trabalho, na busca de novas formas para administrar uma empresa que se renova através da aprendizagem e se transforma continuamente. Estas características parecem ser aquelas encontradas em indivíduos empreendedores.

É muito difícil exigir de um aluno universitário ou de um administrador recém-formado que tome iniciativa, que pense e tome decisões, que seja criativo, se toda a sua vida foi marcada pela limitação da sua capacidade de pensar, de criticar e de tomar atitudes. Seus valores, suas atitudes e suas crenças são baseadas na sua vida educacional e familiar e qualquer mudança passa por resistências provocadas pela sua cultura, formada ao longo de sua vida. É possível que o desenvolvimento da formação empreendedora possibilite ajudar este indivíduo neste processo.

O Bacharel em Administração deve ser o profissional habilitado para gerir organizações, acompanhar mudanças e promover resultados dentro dos paradigmas organizacionais na conjuntura atual. É o profissional capaz de absorver e adequar-se, por si mesmo, às necessidades e às demandas das organizações do mundo moderno. Para que o ensino do empreendedorismo possa contribuir com esta capacitação, observa-se que primeiramente é preciso entender o que é ou quem é o administrador empreendedor.

### 3 - O ADMINISTRADOR: EMPREGADO, EMPREENDEDOR-EMPREGADO E EMPREENDEDOR-EMPRESÁRIO

Degen (1989) destaca diversas características psicológicas e sociológicas que estão no perfil de um indivíduo empreendedor: a iniciativa e independência; a criatividade; a persistência; a visão de longo prazo; a autoconfiança e o otimismo; o comprometimento e o esforço para a realização do trabalho; o padrão de excelência; a persuasão; a necessidade de realização; a capacidade de convivência em grupo (coletividade) e a capacidade de acumulação de habilidades relevantes *know-how*. Fillion (1991) tornou o seu significado abrangente, definindo o empreendedor como sendo uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões. Entretanto, estas características não são exclusivas de determinados indivíduos, conforme revelou Dolabela (1999a:28):

*A tese de que o empreendedor é fruto de herança genética não encontra mais seguidor nos meios científicos. Assim, é possível que as pessoas aprendam a ser empreendedoras, mas dentro de um sistema de aprendizagem especial, bastante diferente do ensino tradicional.*

Como ensinar empreendedorismo? Esta é uma discussão ampla em todo o mundo que Fillion (1999: 7) argumenta:

*Para saber se o empreendedorismo pode ser ensinado, devemos adaptar a abordagem pedagógica à lógica de cada disciplina ou campo de estudo. A meu ver, não se pode ensinar empreendedorismo como se ensina outras matérias. Mas o empreendedorismo se aprende. É possível conceber programas e cursos como sistemas de aprendizado adaptados à lógica desse campo de estudo. A abordagem aqui deve levar o aluno a definir e estruturar contextos e compreender várias etapas de sua evolução. Estes são desafios pedagógicos interessantes.*

Apesar da formação aparecer como determinante para um indivíduo ser empreendedor, o estágio atual do conhecimento não permite determinar com certeza se uma pessoa vai ser ou não bem sucedida como empreendedora ou que as pessoas com as características empreendedoras acima terão sucesso. As características simplesmente revelam o aspecto empreendedor do indivíduo. Entretanto, tais características são presumíveis para indivíduos empreendedores de sucesso e, por este motivo, as organizações reconhecem no empreendedor, uma pessoa pronta para assumir todo o controle e o risco, capaz de criar ou penetrar em novos mercados, o grande estrategista que pode mudar o destino da empresa. A alta competitividade imposta às organizações por seus mercados levaram-nas a buscar o indivíduo com este perfil. Atualmente denomina-se este empreendedor que é empregado de “intra-empreendedores” (Pinchot III, 1989: ix):

*Todos os sonhadores que realizam. Aqueles que assumem a responsabilidade pela criação de inovações de qualquer espécie dentro de uma organização. O “Intrapreneur” pode ser o criador ou o inventor, mas é sempre o sonhador que concebe como transformar uma idéia em uma realidade lucrativa.*

Nesse sentido, de acordo com Drucker (1987), as empresas modernas não sobreviverão neste mundo globalizado a não ser que adquiram uma competência

empreendedora, através da melhor utilização de seus talentos intra-empreendedores, que farão toda a diferença entre o sucesso e o fracasso da sua empresa.

Devido a esta diferença no perfil do profissional, para um melhor estudo é necessário categorizar quatro tipos básicos para a formação do administrador: a) o administrador empregado, aquele que trabalha para outrem e podendo ou não possuir características gerenciais, mas, não possui fortemente as características acima abordadas; b) o administrador empresário, aquele que é responsável pela administração de uma organização, traça objetivos e metas, delega funções ou pode criar um negócio novo, tendo como base de motivação o poder; c) o administrador empreendedor-empregado, aquele que possui fortemente as características acima abordadas, aproveita oportunidades e potencializa sua capacidade e conhecimentos para um negócio em que ele é empregado; d) o administrador que é empreendedor-empresário, diferencia-se do empreendedor-empregado pela condição de ter o seu próprio negócio, e não tem grande motivação no poder ou dinheiro mas, principalmente, no desejo e intentar a realização de um negócio de sucesso (lucrativo ou não) ou produto certo, em direção a atender um mercado inexplorado ou insatisfeito. As categorizações acima exploradas servem para orientar o estudos na formação do administrador e o exercício da profissão.

Estes significados fornecem uma base para o entendimento e construção do ensino sobre o empreendedorismo. No momento, o estágio deste ensino no Brasil apresenta-se em seus primeiros degraus. A preocupação que ora se estabelece é conhecer e entender o nível de evolução deste estágio, como as instituições estão aplicando tais significados e outros conhecimentos já adquiridos, quais as estruturas existentes (corpo docente, laboratórios, etc.), quais práticas educacionais estão propiciando bons resultados, quais as necessidades do administrador, da sociedade, e outros fatores que irão oferecer elementos para esta construção.

#### **4 - ENSINO DE EMPREENDEDORISMO NO BRASIL**

No Brasil as primeiras iniciativas de ensino ao empreendedorismo ocorreram em setembro de 1984, com as inscrições para a disciplina “Criação de Empresas” (sem título eletivo) na FEA-USP (Portela, 1984). Atualmente, uma base mais sólida para o empreendedorismo no Brasil está em formação. Tal constatação é explicada por Silva (2001), que trata de aspectos da abordagem que está ocorrendo no momento no Brasil para o empreendedorismo. O mesmo autor discorre sobre a fragilidade do seu ensino, que difundiu-se pelo país como consequência de um modismo (a exemplo de outros modismos como a reengenharia, qualidade total, etc.). Aborda o seu conceito em duas dimensões: a estrutural e a de amplitude. Na primeira dimensão são apontadas algumas evidências na formação em universidades, faculdades ou instituições de ensino.

Na dimensão de amplitude, Silva (2001) fez uma pesquisa em diferentes sites no Brasil e no mundo para encontrar a definição e abordagem sobre empreendedorismo. O autor encontrou grandes discrepâncias no Brasil e no exterior, no que diz respeito às suas bases estruturais e seu escopo.

Na dimensão estrutural apresentada por Silva (2001) o ensino brasileiro de empreendedorismo passa por um modismo. Esta situação é preocupante porque leva a distorções. Existem razões sólidas que justificam este ensino como aquelas citadas por

Dolabela (1999a): a alta taxa de mortalidade infantil; as grandes mudanças nas relações de trabalho; a não adequação do ensino tradicional para formação de empreendedores; as relações universidades e empresas ainda são incipientes no Brasil; a cultura do ensino não sinaliza para o empreendedorismo; a percepção da importância da PME para o desenvolvimento econômico é insuficiente; a ética como preocupação de ensino do empreendedorismo; a necessidade das organizações para empregados com alto grau de empreendedorismo e a cultura da “grande empresa” predomina no ensino profissionalizante e universitário.

O ensino do empreendedorismo, também, se defronta com desafios que Filion (1999:8) explica:

*O ensino do empreendedorismo apresenta desafios fascinantes nos próximos anos. Um dos principais desafios está na necessidade de aplicar ao ensino e às etapas do aprendizado, aquilo que é o cerne de nossa atividade: a inovação. É preciso introduzir cada vez mais, graduações nos sistemas de aprendizado vinculados às atividades empreendedoras. Há dez ou quinze anos atrás, a educação empreendedora centrava-se no plano dos negócios. Já nos dias de hoje o plano dos negócios é utilizado cada vez mais como etapa conclusiva.*

Estes são alguns elementos a serem trabalhados com o objetivo de melhorar a formação empreendedora nos cursos de administração do Brasil. As vertentes de estrutura e amplitude apresentadas por Silva (2001) podem ser melhor entendidas com a necessidade de aplicação de um programa nacional para o empreendedorismo que proporcione integração entre o indivíduo, o ensino, a sociedade brasileira. Uma proposta para ensino de empreendedorismo no Brasil é apresentada por Filion (1999), que poderá ser atingida através de: um programa nacional de sensibilização ao empreendedorismo; programa nacional de educação empreendedora para todos os níveis escolares; fundação de amparo ao ensino do empreendedorismo; empresa estatal de amparo ao desenvolvimento do empreendedorismo e entidades de classe empreendedora.

É importante que os alunos, já na sua juventude, sejam expostos a experiências empreendedoras, para que busquem explorar ao máximo o potencial empreendedor, porque só assim todos podem se beneficiar com o estímulo dado ao estudante mesmo antes dele chegar a universidade. Todos os estabelecimentos de ensino deveriam contar com programas de estudos de empreendedorismo, em particular nos campos de formação de nível superior.

Para o desenvolvimento dessas habilidades as disciplinas deverão ser trabalhadas através de uma metodologia que privilegie a problematização, condição fundamental para que os objetivos propostos sejam cumpridos, além do estímulo do desenvolvimento da cultura empreendedora.

Os cursos de Administração devem objetivar não apenas responder às necessidades do mercado de trabalho, mas, também, transformar e alterar a realidade, visando à qualidade de vida, desenvolvendo no acadêmico uma postura voltada à solução de problemas e de gestor das forças produtivas e sociais de caráter regional, nacional e internacional.

Para atender tais exigências o ensino de administração deve ser crítico, contextualizado. Quanto ao método de aprendizagem, este deve harmonizar-se com a estrutura da grade e seu conteúdo e com as condições de aprendizagem do acadêmico. Isso

ocorre na medida em que o método de ensino proporcione ao aluno uma assimilação crítica da ciência e sua experimentação com as necessidades socioculturais. O enfoque é que o curso possibilite ao discente estabelecer inter-relacionamentos práticos-teóricos para formar uma postura crítica e ética que fundamente formação profissional.

Destaca-se, também, que a metodologia de trabalho dos docentes das disciplinas de empreendedorismo, tenham um grau de comprometimento e empenho muito maior que o papel tradicional do professor universitário. É claro, também, que as instituições de ensino deverão dispor de estruturas que visem facilitar e acelerar o processo de desenvolvimento do potencial empreendedor no Brasil. Propõe-se que a infra-estrutura deva contemplar incubadoras empresariais e *softwares* aplicados ao ensino, pesquisa e extensão, com a aquisição de novos programas à medida em que se fizer necessário para o ensino de empreendedorismo e instalações adequadas as incubadoras empreendedoras.

Portanto, a somatória dos fatores de qualidade do ensino, pesquisa e extensão, aliados ao corpo docente e infra-estrutura que atenda às necessidades do meio social e, eventualmente, aos projetos deste ou aquele segmento da sociedade significa imprimir ao currículo, antes que uma arquitetura rígida, uma construção que, sendo organicamente articulada, também, seja permeável às demandas de entradas e reentradas, tanto dos acadêmicos como de conteúdos que venham ao encontro das necessidades de um país em processo de definição como o nosso, ainda, em busca de modelos institucionais que estejam mais próximos dos fatos e, por isto mesmo, mais aptos a fomentar-lhes a força empreendedora. Este trabalho procurou levantar estes fatores e também a formação do administrador, especialmente realizada na Universidade Estadual de Londrina que se demonstra a seguir.

## **5 - PERFIL DO ALUNO DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DA UEL**

Pesquisou-se durante o primeiro semestre de 2001, os graduados do curso de administração da UEL nos anos de 1999 e 2000. Caracterizou-se em sua metodologia, como uma pesquisa exploratória, com levantamento de dados primários (pesquisa de campo) e secundários (pesquisa bibliográfica) e quantitativa, pois os dados obtidos através de um grande número de respondentes que foram submetidos a análises estatísticas formais, conforme indica Mattar (1997), onde os resultados são apresentados e analisados de forma descritiva. O universo pesquisado foi composto por 240 graduados, sendo a amostra, por conveniência, representada por 132 (cento e trinta e dois) graduados de Administração da UEL. Uma pesquisa equivalente foi realizada na década de 80 como abordado por Souza et alli (1985).

A seguir a demonstração dos resultados desta pesquisa que delineou o perfil deste universo:

**Tabela 01 – Perfil do Aluno do Curso de Administração da UEL**

VARIÁVEL	FAIXA OU TIPO	f*	%**	TOTAL %**
FAIXA ETÁRIA	Até 24 anos	64	49.20	100.00
	de 25 a 35 anos	65	50.00	
	35 ou mais	1	0.80	
SEXO	Feminino	67	50.80	100.00
	Masculino	65	49.20	
ESTADO CIVIL	Solteiro	106	82.20	100.00
	Casado	23	17.80	
ÚLTIMA ATIVIDADE	Empregado	96	75.60	100.00
	Empresário	31	24.40	
FAIXA DE RENDA	Menos de R\$ 540,00	19	15.20	100.00
	De R\$ 541,00 a R\$ 1440,00	63	50.40	
	De R\$ 1441,00 a R\$ 2700,00	32	25.60	
	Mais de R\$ 2700,00	11	8.80	

**LEGENDA: f\* = FREQUÊNCIA ABSOLUTA; %\*\* = FREQUÊNCIA RELATIVA.**

Na Tabela 01 reuniu-se as informações de segmentação que indicam o perfil dos graduados no Curso de Administração da Universidade Estadual de Londrina, nos anos de 1999 e 2000, representado na sua maioria pelo sexo feminino, com a faixa etária variando entre 25 a 35 anos, estado civil solteiro e renda mensal variando entre R\$541,00 a R\$1.440,00.

**TABELA 02 – OPINIÃO SOBRE QUAL A FORMAÇÃO PROFISSIONAL QUE AS DISCIPLINAS DO CURSO DEVERIAM REALIZAR**

TIPO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL	f	%
Empregado a nível técnico	3	2.3
Empregados para serem Gerentes	11	8.5
Empregado com Perfil de Empreendedor	24	18.5
Empresário com Perfil de Gerente	19	14.6
Empresário com Perfil de Empreendedor	73	56.2
<b>TOTAL</b>	<b>130</b>	<b>100.0</b>

De acordo com a tabela 02, mais de dois terços dos respondentes acreditam que o Curso de Administração da UEL deve formar empresários para o mercado de trabalho, sendo

que mais da metade dos ex-alunos opinaram que não basta somente formar o empresário, mas, formar o empresário com perfil de empreendedor. As vantagens organizacionais proporcionadas por fatores psico-sociais e econômicos específicos do empreendedor podem ser uma das explicações para este resultado.

**TABELA 03 – OPINIÃO SOBRE O TIPO DE PROFISSIONAL QUE O CURSO PROPORCIONOU SER**

<b>TIPO DE PROFISSIONAL</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
Um Empregado	26	20.6
Um Empregado em nível de gerência	37	29.4
Um Empregado com nível de Empreendedor	<b>23</b>	<b>18.3</b>
Um Empresário com nível de gerente	21	16.7
Um Empresário com nível de Empreendedor	<b>19</b>	<b>15.1</b>
<b>TOTAL</b>	<b>126</b>	<b>100.0</b>

Pode-se confirmar que grande parte dos ex-alunos é empregada e por esta razão responderam que o curso de administração da UEL os tornaram assim. Um dos motivos deste resultado pode ser em virtude do pouco tempo do exercício da profissão no mercado de trabalho.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A massificação do ensino, em geral, mais especificamente o superior, trouxe uma nova relação entre a universidade e o mercado de trabalho, devido ao modelo econômico implantado no Brasil após a década de 60 e a utilização da Educação e suas reformas, como infra estrutura de apoio para sua manutenção.

O novo paradigma econômico da flexibilização impõe necessárias mudanças na educação e, conseqüentemente, no ensino superior, de forma que se promova um ensino de qualidade, visto que os conhecimentos e as habilidades exigidas pelo mercado mudam velozmente. Portanto, a universidade deve estar preparada para acompanhar e oferecer constante atualização dos conhecimentos e das habilidades empreendedoras requeridas à futura força-de-trabalho.

Andrade e Amboni (2002: 65-70) afirmam que se deve considerar as particularidades da região e os valores institucionais. O projeto pedagógico, em muitas universidades, ainda é relegado ao plano teórico, não estando disseminado em docentes e discentes. Isto gera interrupções e repetições de conteúdos prejudicando a formação acadêmico-profissional do graduando. Assim sendo, o sucesso da formação do egresso com perfil empreendedor deve

estar atrelado a fatores internos e externos e, principalmente, ao envolvimento do corpo docente e da comunidade local e regional.

Os resultados apresentados pela pesquisa anteriormente caracterizada, demonstraram que 1/3 dos egressos está atuando como empreendedores – na qualidade de intra-empresários empreendedores - ou empresários empreendedores e 2/3 está atuando em outros níveis, sendo a maioria (80%) solteiros, qualificando-se como variáveis importantes para uma avaliação inicial do curso e justificando uma pesquisa mais aprofundada em um universo maior. O perfil apontado pode ser em decorrência dos alunos ingressarem com uma faixa etária variando entre 17 a 20 anos e não terem tido oportunidade de desenvolverem plenamente seu potencial.

A maioria dos entrevistados (74,7%) opinou que o curso deveria estar voltado para a formação de empreendedores. Ao traçar um paralelo entre este resultado e a grade curricular do Curso de Administração, verificou-se que o mesmo oferta apenas uma disciplina de empreendedorismo, com 68 horas aulas. Com isso, é necessário que se recomende ao colegiado do curso uma reavaliação, especialmente, na programação do mesmo, focalizando alterações em algumas disciplinas, ementas e programas. As alterações poderão dar diretrizes focadas numa cultura empreendedora, onde o acadêmico possa vislumbrar a opção de criação de novas empresas, baseado nas oportunidades de mercado, além da opção da formação de intra-empresários.

Dessa forma, sobre o ensino de empreendedorismo Fillion (1999:14-16) destaca que:

*o empreendedorismo é um campo de ensino novo, onde a natureza do tema engloba mais que a simples aquisição do saber. Estamos num campo em que as abordagens do ensino podem variar muito de um curso para outro, por causa dos objetivos pedagógicos que são muito diversificados.*

Nessa mesma linha Dolabela (1999b: 13-14) cita que:

*os resultados apresentados pela aplicação das metodologias de ensino de empreendedorismo e de disseminação são surpreendentes e significam uma verdadeira revolução no ensino universitário brasileiro. Um dos desdobramentos do conceito da Oficina do Empreendedor é a criação do "Departamento de Ensino Empreendedor", através de projetos envolvendo todos os docentes de um curso, para que também eles sejam contaminados pela cultura empreendedora.*

Este estudo propõe-se, então, a iniciar discussões e incrementar a dinâmica de desenvolvimento do ensino empreendedor, utilizando-se da realidade do curso de administração da UEL como base específica. A complexidade e grandiosidade do assunto impossibilita que se esgote seus desenvolvimentos neste estudo. Ao contrário, pretende-se que ele possa engrossar as contribuições para o debate sobre o ensino do empreendedorismo e talvez da cultura empreendedora, na busca de alternativas e caminhos para mudança do perfil do egresso tradicional. Acredita-se que ele possa abrir, em maiores desdobramentos, que objetivem a melhoria da qualidade do ensino empreendedor no curso de administração da Universidade Estadual de Londrina e do ensino desta área no Brasil.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDRADE, R. O. B. & AMBONI, N. **Projeto pedagógico para cursos de administração**. São Paulo: Makron Books, 2002.

CASTRO, C. de M. **O ensino da administração e seus dilemas**: notas para debates. Revista de Administração de Empresas, Rio de Janeiro, v.21, n. 3, p. 58-61, jul./set. 1981.

CONSELHO FEDERAL DE ADMINISTRAÇÃO. **Perfil, formação e oportunidades de trabalho do administrador profissional**. Pesquisa Nacional. Brasília, 2001.

COVRE, M. L. M. **A formação e a ideologia do administrador de empresas**. Petrópolis: Vozes, 1991.

DEGEN, R. J. **O empreendedor**: fundamentos da iniciativa empresarial. São Paulo: Mc Graw – Hill, 1989.

DOLABELA, F. **O segredo de Luísa**. Cultura Editores Associados. São Paulo: 1999a.

DOLABELA, F. **Uma revolução no ensino universitário de empreendedorismo no Brasil**. A metodologia da Oficina do Empreendedor. 44th ICSB World Conference, Nápoles, 1999b.

DRUCKER, P. F. **A formação do administrador**. São Paulo: Pioneira, 1998.

DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor**: prática e princípios. São Paulo: Pioneira, 1987.

ECO, U. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

FILION, L. J. O planejamento do seu sistema de aprendizagem empresarial: identifique uma visão e avalie o seu sistema de relações. **Revista de Administração de Empresas**, 31(3), p. 63-71. São Paulo: 1991.

FILION, L. J. **O empreendedorismo como tema de estudos superiores** (artigo). Seminário “A Universidade Formando Empreendedores” . Brasil, 1999.

MARTINS, C. B. Surgimento e expansão dos cursos de administração no Brasil (1952-1983). **Ciência e Cultura**, São Paulo, v.41, n.7., p. 663-676, jul. 1989.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas, 1997.

NÉRICI, E. **Didática geral** [s.n]. Nota: Este artigo foi publicado anteriormente pela revista “Produto & Produção” da UFRGS.

PINCHOT III, G. **Intrapreneuring**: por que você não precisa deixar a empresa para tornar-se um empreendedor. São Paulo: Harbra, 1989.

PORTELA, F. O Brasil das pequenas empresas. Se o governo não atrapalhasse. Reportagem com prof. Sílvio A. Santos. **Jornal da Tarde**, edição de 08/10/84, p. 16. São Paulo, 1984.

SILVA, D. N. **O empreendedorismo como modismo universitário.** Site “Estudos e Pesquisas em Administração”. Disponível: <[http://www.epa.adm.br/adm\\_univ.htm](http://www.epa.adm.br/adm_univ.htm)>. Acesso em: 08 jun 2001.[http://www.epa.adm.br/adm\\_univ.htm](http://www.epa.adm.br/adm_univ.htm).

SOUZA, M. J. B. *et alli*. **Perfil do administrador de empresas.** Pesquisa realizada em Londrina, PR. Londrina: UEL, 1985.